

Valor Econômico, 11 de Março de 2022.

A pandemia aumentou as desigualdades de gênero

43% das mulheres eram impedidas de procurar trabalho devido aos afazeres domésticos e o cuidado de parentes.

Por: João Saboia, Mireille Razafindrakoto e François Roubaud

Este é o terceiro artigo dos autores sobre o aumento das desigualdades no mercado de trabalho durante a pandemia, destacando alguns grupos sociais que já possuíam condições mais desfavoráveis no período pré-pandêmico. No primeiro artigo, mostramos a situação mais precária dos jovens frente aos adultos (Valor Econômico, 25/10/2021). No segundo, comparamos os brancos com os pretos/pardos (Valor de 13/12/2021). Aproveitando a recente comemoração do Dia Internacional da Mulher, neste novo artigo discutimos a questão de gênero, contrapondo homens e mulheres durante a pandemia.

A divulgação recente dos dados das Contas Nacionais e da Pnad Contínua do último trimestre de 2021 permite que sejam apresentados os números existentes mais atualizados da economia e do mercado de trabalho. Destacaremos três momentos - o quarto trimestre de 2019 (4T/2019), último antes da pandemia chegar ao Brasil; o terceiro de 2020 (3T/2020), quando a economia e o mercado de trabalho atingiram o fundo do poço; e o quarto trimestre de 2021 (4T/2021).

Depois de cair 3,9% em 2020, o PIB se recuperou, crescendo 4,6% em 2021. Em 4T/2021 o PIB cresceu 0,5% em relação a 3T/2021 e 1,6% em relação a 4T/2020. Ao compará-lo com 4T/2019 (trimestre mais favorável antes da pandemia), houve crescimento de 0,5%. Em outras palavras, após dois anos de pandemia, o nível de produção do país voltou praticamente ao mesmo nível em que se encontrava no final de 2019, até mesmo superando-o um pouco.

O mercado de trabalho acompanhou o comportamento da economia, sofrendo muito em 2020 e recuperando-se em 2021. No final do ano passado, o nível de emprego em alguns setores ainda se encontrava abaixo de dois anos atrás, enquanto em outros já havia superado. O total de pessoas ocupadas passou de 95,5 milhões em 4T/2019 para 83,4 milhões em 3T/2020 e 95,7 milhões em

4T/2021. As taxas de desemprego foram 11,1%, 14,9% e 11,2%, respectivamente.

Apesar da piora de alguns indicadores, a maior parte das estatísticas do mercado de trabalho confirma que, de certa forma, a situação em 4T/2021 é bastante semelhante à de 4T/2019. Um dado desfavorável que merece ser mencionado foi a queda de 10% na remuneração média por conta da própria crise e do aumento da inflação em 2021.

Mas como evoluiu a situação das mulheres e dos homens durante esse período?

Se olharmos apenas para as extremidades (4T/2019 e 4T/2021) parece que homens e mulheres voltaram ao ponto de partida - 41 e 40,7 milhões de mulheres ocupadas; 54,5 e 55,1 milhões de homens ocupados. Mas se olharmos para o momento mais intenso da crise (3T/2020), nota-se uma queda de 6,8 milhões de mulheres e 5,3 milhões de homens ocupados. No caso das mulheres, representa redução de 16,4% e, dos homens, 9,8%. Esses dados sugerem que, por conta das dificuldades enfrentadas durante a pandemia, são as mulheres no interior dos domicílios que se ajustam em primeiro lugar.

Além disso, a passagem das mulheres à inatividade parece perdurar após o auge da crise dificultando seu retorno ao mercado de trabalho. Mais uma vez, comparando o início com o final do período, observa-se que a população feminina desalentada permanecia em 4T/2021 7% acima do nível inicial, enquanto os homens desalentados haviam voltado ao mesmo nível de 4T/2019. A força de trabalho potencial, que inclui uma parcela de pessoas desalentadas, confirma as maiores dificuldades de retorno das mulheres ao mercado de trabalho. No final do período as mulheres na força de trabalho potencial eram 19% mais numerosas, enquanto os homens eram 10% a mais. Pode-se ainda acrescentar os dados da população subutilizada feminina devido à insuficiência de horas trabalhadas. Em 4T/2021 era 10% superior à de 4T/2019, enquanto a masculina não passava de 3% acima do nível inicial.

Os dados da Pnad Contínua permitem que se identifique as causas para a inatividade das pessoas destacando as principais razões que contribuem para a exclusão das mulheres do mercado de trabalho. Em 4T/2021, 43% das mulheres inativas pertencentes à força de trabalho potencial justificavam que os afazeres

domésticos e o cuidado de crianças e parentes. Já entre as mulheres inativas fora da força de trabalho potencial, mas que gostariam de trabalhar, 50% dão a mesma justificativa para não trabalhar, enquanto apenas 7% dos homens utilizam esse motivo.

Ao mesmo tempo em que observamos uma recuperação considerável do mercado de trabalho no último trimestre de 2021, a pandemia deixou sua marca na atividade das mulheres. No terceiro trimestre de 2020, milhões de mulheres ficaram inativas. Desde então, um grande número conseguiu se reintegrar ao mercado de trabalho. Mas no último trimestre de 2021, ainda havia 1,9 milhão de mulheres inativas a mais em relação ao final de 2019 - mulheres que se viram excluídas do mundo do trabalho. Destas, 47% estão na força de trabalho potencial (querem trabalhar e estão disponíveis) a que se juntam 14% que desejam obter uma ocupação, mas enfrentam constrangimentos. A carga do trabalho doméstico, cuja responsabilidade ainda é largamente assumida pelas mulheres, é uma das principais causas.

É necessário, portanto, remediar esse círculo vicioso em que algumas mulheres se encontram impedidas de trabalhar. Constrangidas ou integradas às normas que atribuem às mulheres a responsabilidade pelos afazeres domésticos, bem como pelo cuidado e sustento dos filhos ou dos pais, tendem a sacrificar mais facilmente suas carreiras profissionais quando têm de conciliá-las com a vida familiar.

Uma escolha tão restrita tem um impacto negativo em seu desempenho ou em sua trajetória. Encontram-se então excluídas ou em posição de inferioridade em relação aos homens. Com isso acabam se adaptando, suspendendo ou abandonando seu projeto profissional quando um membro da família tem de gerir um constrangimento cotidiano.

Link para a matéria original:
<https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/a-pandemia-aumentou-as-desigualdades-de-genero.ghtml>